

Marion Minerbo

A POSTERIORI,  
UM PERCURSO

• •

**Blucher**

# A POSTERIORI, UM PERCURSO

Marion Minerbo

Série Escrita Psicanalítica

Coordenação: Marina Massi

*A posteriori, um percurso*  
Série Escrita Psicanalítica  
© 2020 Marion Minerbo  
Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher  
*Editor* Eduardo Blücher  
*Coordenação editorial* Bonie Santos  
*Produção editorial* Isabel Silva, Luana Negraes  
*Preparação de texto* Cátia de Almeida  
*Diagramação* Negrito Produção Editorial  
*Revisão de texto* Karen Daikuzono  
*Capa* Leandro Cunha  
*Fotografia da capa* Michele Minerbo  
*Paleta de cor da capa* Helena Lacreata

---

# Blucher

---

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
**contato@blucher.com.br**  
**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,  
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Minerbo, Marion

*A posteriori, um percurso* / Marion Minerbo.  
– São Paulo : Blucher, 2020. (Série Escrita Psica-  
nalítica / coordenação de Marina Massi)

320 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-021-8 (impresso)

ISBN 978-65-5506-020-1 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Memória. I. Título. II.  
Massi, Marina. III. Série.

20-0384

CDD 150.195

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Introdução: de onde vim, onde estou	15
<b>Parte I. Perdendo a ingenuidade</b>	<b>21</b>
Aprendendo a ler	23
Relativizando crenças teóricas	55
O método psicanalítico em Freud	79
<b>Parte II. Ampliando os horizontes da clínica</b>	<b>93</b>
Tratamento institucional de transtornos emocionais graves na adolescência: dois casos clínicos	95
Um olhar psicanalítico na escola	125
C(ã)es-terapeutas: o enquadre a serviço do método na análise de uma adolescente	133
<b>Parte III. Interpretando fenômenos socioculturais</b>	<b>155</b>
Violência contemporânea e desnaturação da linguagem	157

Um olhar psicanalítico sobre a corrupção	175
Mudando de posição subjetiva diante da corrupção	191
<b>Parte IV. Textos de maturidade</b>	<b>207</b>
Assassinato e sobrevivência do pai	209
Sobre o supereu cruel	223
Sobre as depressões	251
Retorno do recalcado, retorno do clivado	275
Sobre o pensamento clínico do psicanalista	285

# Aprendendo a ler<sup>1</sup>

*Quando considerei meu doutorado finalizado – o ponto de partida era um caso de compulsão a comprar –, um colega com quem discuti as ideias ali desenvolvidas olhou para o sumário e disse que faltava um capítulo sobre metodologia.<sup>2</sup> Sendo aquela a primeira tese de psicanálise a ser defendida no departamento de psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a metodologia seria questionada. Era necessário contar para o leitor como eu tinha chegado às conclusões apresentadas, já que o trabalho não seguia os métodos tradicionais da psiquiatria.*

*No início, duvidei de que seria capaz de retrazar o caminho que eu havia percorrido mentalmente para propor o que chamei de*

---

1 Este texto corresponde ao quarto capítulo da minha tese de doutorado, defendida em 1997 no Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), sob orientação da prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Latife Yazigi. Posteriormente, a tese foi publicada pela editora Casa do Psicólogo com o título *Estratégias de investigação em psicanálise*. O capítulo se chamava “Estratégias de pensamento” (pp. 29-50), e aqui foi alterado para “Aprendendo a ler”.

2 Agradeço a Sergio Blay por esta orientação. Agradeço também a Leda Herrmann e Luiz Meyer pela interlocução sobre este capítulo.

“quatro versões” da compulsão a comprar. Arregaçando as mangas, dei-me conta de que a minha “metodologia” era o próprio método de leitura da bibliografia. Hoje, considero que é o capítulo mais importante da tese, porque traz uma reflexão de ordem epistemológica, cujo alcance vai além do tema explícito que é a compulsão a comprar.

Como disse em “De onde vim, onde estou”, ter descoberto e me apropriado de um método de leitura me ajudou a desenvolver um espírito crítico. É por esse motivo que escolhi este capítulo de minha tese para abrir esta coletânea. Optei por mantê-lo como foi publicado no livro *Estratégias de investigação em psicanálise*, de 2000.

Este capítulo corresponde ao que se denomina, tradicionalmente, “metodologia”. A opção por outro léxico – *estratégias de pensamento* – impõe-se por uma questão de coerência com o campo epistemológico em que se insere este trabalho. Da mesma maneira, a expressão “fazer trabalhar a questão-problema” (em lugar de respondê-la) e a recusa em denominar o último capítulo de “conclusão” reiteram uma *postura* relativa à produção de conhecimento, como veremos a seguir.

Em *Post-modernism and the social sciences*, Rosenau (1992) diferencia a postura epistemológica *pós-moderna* da maneira *moderna* de produzir conhecimento em ciências sociais. Apesar de referir-se especificamente à sua área, a autora promove um debate suficientemente amplo para abarcar as ciências humanas em geral. Afirma que as respostas pós-modernas às questões “como sabemos o que sabemos”, “por que caminhos produzimos conhecimento” e “o que é o conhecimento” diferem muito da postura epistemológica moderna diante delas. Esta última está visceralmente relacionada ao método científico utilizado pelas Ciências Naturais, que pressupõe uma *realidade em si* que pode ser conhecida, bem como *teorias que correspondem aos fatos*. O pesquisador observa um fato

que, a seu ver, aponta para a insuficiência da teoria vigente no momento. Em seguida, propõe e testa, mediante a aplicação de um método, uma nova hipótese que, se comprovada, modifica a teoria anterior. Prova-se cientificamente, isto é, mediante a aplicação de um método científico, a superioridade da nova teoria, dando-se mais um passo em direção ao progresso da ciência e à verdade.

Método é, pois, um termo indissociavelmente ligado ao campo epistemológico moderno. O pós-modernismo o substitui por *estratégias* (de aproximação ao objeto) ou debates (Rosenau, 1992, p. 116).

Não se trata de simples preferência semântica, mas de uma postura crítica com relação a certas categorias básicas utilizadas na produção do conhecimento. Rosenau (1992) sintetiza de maneira bastante clara os principais aspectos do debate que ocupa a cena acadêmica contemporânea sobre os fundamentos epistemológicos pós-modernos:

- Nega-se a dicotomia sujeito/objeto, em uma postura crítica com relação à autonomia do “dado de realidade” e do “fato” com relação ao observador (pp. 110-112). Não há leitura da realidade fora de uma matriz de apreensão subjetiva. Essa matriz é constituída de categorias relativas à linguagem em sentido amplo: só aquilo que tem registro linguístico, que pode ser nomeado, ganha direito de cidadania, tornando-se um “dado de realidade”. Assim, a apreensão da realidade é sempre mediada por uma matriz subjetiva, isto é, que pertence ao sujeito e às categorias mentais disponíveis para ele. Não há o fato em si, passível de diversas leituras: o que há são apenas as leituras, as versões, as interpretações acerca de um fato cuja ontologia não pode ser conhecida.

- Redefine-se a verdade como dependente de convenções linguísticas; nesse sentido, ela será sempre uma verdade local, pessoal ou comunitária, ou seja, relativa. “Verdades conflitantes não são um problema já que cada uma pode ser verdadeira em determinado universo” (p. 80).
- Nega-se a possibilidade de produção de um conhecimento universal ou de uma teoria totalizante sobre um objeto, um fenômeno ou um fato qualquer (p. 118). O conhecimento é sempre parcial, uma vez que é produzido a partir de um recorte, isto é, de determinada matriz de apreensão. Cada matriz de apreensão permite uma versão, uma interpretação parcial.
- Recusa-se sistematicamente um pensamento logocêntrico que se apoia sobre oposições binárias (verdade/mentira, essência/aparência, bom/mau), principalmente quando tendem a privilegiar o primeiro termo da oposição. Essa postura epistemológica impugna uma atitude valorativa e, portanto, uma hierarquia entre boas e más teorias, versões ou interpretações. Todas as interpretações são relevantes; dependendo do contexto, uma será mais útil do que outra (p. 114).
- Recusa-se uma visão dos fatos em termos de começo e fim, de antes e depois, de causa e efeito (pp. 112-114). Em lugar dessa maneira de pensar tipicamente moderna, pensa-se em termos de *redes de determinação*, de *intertextualidade*, em que um evento se relaciona sempre com vários outros, sem que se possa isolar uma causa única.

Apesar de sua própria ressalva com relação ao termo “metodologia”, Rosenau distingue pressupostos epistemológicos (anteriormente enumerados) de procedimentos metodológicos (interpretação e desconstrução).

*By “methodology” I mean how one goes about studying whatever is of interest; it relates to the process of inquiry, but it does not tell us what to expect to find. Method, not assumed synonymous with the rules and procedures of modern science, is considered here to apply more broadly. (1992, p. 16)<sup>3</sup>*

Embora reconheça que o termo “metodologia” remete ao campo epistemológico moderno e que o termo “estratégia” é mais adequado às práticas pós-modernas, acaba por utilizar a expressão “metodologia” entre aspas e num sentido amplo, referindo-se ao processo e ao caminho que leva ao conhecimento.

Entretanto, uma leitura cuidadosa do que a autora denomina pressupostos epistemológicos configura, antes, uma *postura* diante do objeto de conhecimento: *nega-se* a dicotomia sujeito-objeto, *recusa-se* uma verdade independentemente de convenções linguísticas, *recusa-se* uma visão em termos de começo, meio e fim etc.

Ora, essa postura implica, naturalmente, determinados procedimentos de aproximação do objeto (“métodos”). Na realidade, nesse campo epistemológico, a postura teórica diante do objeto já é uma maneira de olhar para ele: já é parte do processo, do caminho que leva ao conhecimento. Em outras palavras, essa postura teórica é inseparável do “método”. Por exemplo, ao recusar a dicotomia sujeito-objeto, o pesquisador parte do pressuposto de que seu procedimento de aproximação do objeto carregará a marca de sua subjetividade: ele fará uma “leitura” do fato.

---

3 Excepcionalmente, optamos por manter a citação em sua língua original por sua importância para a apreciação do leitor. Em tradução livre, “Por metodologia entendo a maneira pela qual alguém estuda algo de seu interesse; relaciona-se ao processo de investigação, mas não nos informa sobre o que devemos esperar encontrar. Método, não como sinônimo das regras e procedimentos da ciência moderna, é considerado aqui de modo mais abrangente”.

Por essa razão, em lugar de utilizar o termo “metodologia” entre aspas, como o faz Rosenau, e para não separar artificialmente postura de procedimento, optamos definitivamente pela expressão *estratégia de pensamento*. Essa expressão designará para nós o *binômio postura-procedimento* que é, indissociavelmente, *teórico-metodológico*.

Assim, estratégia é a maneira de pensar que já é parte do processo de busca do conhecimento no campo pós-moderno. Para nós, *interpretação e desconstrução são estratégias de pensamento utilizadas ao longo deste capítulo*.

## *Interpretação e desconstrução*

A *interpretação* não é em si mesma uma estratégia pós-moderna. No campo epistemológico moderno reconhece-se que os fatos não falam por si, havendo necessidade de interpretá-los para que ganhem sentido. A interpretação moderna, positivista, pressupõe a observação de dados com a intenção de encontrar um padrão. Nesse sentido, algumas interpretações serão melhores do que outras quando se aproximarem da verdade a respeito daquele padrão. Admitem-se várias interpretações a respeito de um fenômeno desde que não sejam conflitantes; caso o sejam, uma delas deve ser selecionada como a melhor. Em suma, busca a reconciliação e a unificação de verdades conflitantes, e não a multiplicação de cenários (Rosenau, 1992, p. 119). Já a interpretação pós-moderna supõe uma infinidade de versões possíveis, dependendo da matriz para a apreensão da realidade utilizada. Não há um sentido final, profundo e verdadeiro a ser encontrado subjacente ao texto.<sup>4</sup> Tra-

---

4 “Texto”, no glossário pós-moderno, é um termo que se refere a todos os fenômenos, a todos os eventos (Rosenau, 1992, p. xiv).

ta-se mais de uma visão possível acerca de um objeto do que de uma observação neutra de um fato.

A *desconstrução*, por sua vez, visa desfazer todas as construções, trazendo à luz suas contradições internas e seus pressupostos implícitos. Visa desmistificar um texto revelando sua adesão implícita e “recalcada” a uma hierarquia arbitrária (Rosenau, 1992, p. 120). Essa postura-procedimento se refere, principalmente, ao pensamento construído sobre oposições binárias, como verdade/mentira, ser/não ser, macho/fêmea, bom/mau, presença/ausência, essência/aparência, saúde/doença, normal/anormal, realidade/fantasia, psique/mundo, mente/corpo, dentro/fora, frequentemente com uma valoração implícita do primeiro termo.

Nesse sentido, a desconstrução procura desemaranhar as linhas de força antagônicas do texto focalizando suas margens e brechas, e não o suposto foco central. Examina o que está ausente num texto, o que não está nomeado, o que está excluído, o que está secretamente subentendido. O propósito dessa estratégia não é apontar e corrigir erros, uma vez que isso reinstauraria a hierarquia entre os argumentos. Não há a pretensão de melhorar, revisar, oferecer uma versão mais correta ou melhor do texto em questão (Rosenau, 1992, p. xii). O objetivo é provocar um deslizamento de sentido que abre fissuras em certezas previamente incontestáveis, relativizando-as. A desconstrução visa transformar e redefinir o texto (ou o conceito, ou a categoria) com base em novos sentidos que surgem como resultado do deslizamento operado.

A principal diferença entre as estratégias anteriormente delineadas é que a desconstrução enfatiza a capacidade crítica negativa, enquanto a interpretação expressa um ponto de vista positivo (Rosenau, 1992, p. 118). Ambas são utilizadas ao longo da tese:

- Na primeira etapa, “Aprendendo a ler”, a desconstrução foi utilizada como estratégia de leitura e seleção da

bibliografia. Ao fim do processo, surge a necessidade de se trabalhar por meio de versões.

- Numa segunda etapa, “Construindo versões”, a construção das versões envolveu a identificação e sistematização, com base na desconstrução dos textos, de quatro caminhos teóricos, ou melhor, quatro concepções de relação psique-mundo.
- Como corolário deste processo, numa terceira etapa, “Interpretando o caso Bia”, quatro interpretações do caso Bia são efetuadas, utilizando-se o arsenal teórico sistematizado em cada versão.<sup>5</sup> Limites e brechas, tanto das interpretações quanto do arsenal teórico que as originou, são expostos ao fim das versões. Opera-se, com isso, a desconstrução da própria versão recém-construída.
- Finalizando a pesquisa, procede-se a “Elaborando a Matriz de desconstrução”. As categorias ali colocadas no eixo vertical (psique, mundo, relação psique-mundo, o sintoma de Bia e a concepção do patológico em psicanálise) sofrem uma desconstrução progressiva à medida que se deslocam no eixo horizontal (versões I, II, III e IV). Vemos detidamente no último capítulo da tese<sup>6</sup> as repercussões desse processo.

---

5 Três das quatro versões que compõem o miolo da tese foram resumidas e publicadas no capítulo “Compulsão a comprar” de meu livro *Neurose e não neurose* (Minerbo, 2019, pp. 263-284).

6 “Relativizando crenças teóricas”, o último capítulo de minha tese e o próximo deste livro.

## Aprendendo a ler

O passo seguinte à formulação da questão-problema e do objetivo do trabalho é a revisão bibliográfica. É evidente que não há como pesquisar diretamente *a natureza da relação psique-mundo, de modo a tornar possível o sintoma de Bia*. O que ler? A literatura sobre a compulsão a comprar seria, possivelmente, uma boa maneira de começar. Esta, entretanto, mostrou-se excessivamente heterogênea. Exemplificando.

Entre os psiquiatras, Del Porto (1996a) faz um abrangente estudo sobre o transtorno obsessivo-compulsivo. Segundo o autor, os conteúdos mais frequentemente encontrados nos sintomas compulsivos são: limpeza e lavagem (57%), verificações (56%), rituais de repetição (29%), contagem (24%), ordenação (22%), colecionismo (6%) e diversos (63%). Estes seriam os conteúdos “clássicos”. A compulsão a comprar não figura explicitamente nessa casuística. O autor aborda a influência de aspectos culturais e toma como exemplo a relação entre a religião e rituais obsessivos de conteúdo religioso. Sustenta que a cultura se faz sentir na “*patoplastia* dos sintomas e não em sua *patogenia*” (p. 25, grifos do autor). E ainda, “a cultura parece moldar certos aspectos acessórios das obsessões e compulsões” (p. 27). Em outro trabalho, Del Porto (1996b) aborda o comprar compulsivo. Afirma que esse sintoma é considerado, desde Bleuler, como um impulso patológico. Destaca a ausência de critérios específicos para seu diagnóstico e chama a atenção para o fato de que há apenas três trabalhos sistemáticos sobre o tema na literatura contemporânea.

Christenson et al. (1994) afirmam que, apesar de pouco descrito na literatura psiquiátrica, o comprar compulsivo apresenta uma incidência crescente. Essa síndrome afeta principalmente mulheres com uma idade média de 36 anos (desvio-padrão de dez anos).

Caracteriza-se por uma necessidade crônica de comprar e gastar, que se apresenta de maneira estereotipada, irresistível, impulsiva, inapropriada, excessiva e claramente prejudicial para as pessoas envolvidas. Os itens mais comumente consumidos têm relação com a aparência pessoal. Os autores encontraram uma relação entre esse comportamento e os distúrbios do humor. Destacamos sua dificuldade em classificar, do ponto de vista psiquiátrico, um distúrbio que mostra proximidade com várias entidades nosológicas. Os autores identificam características que o aproximam de uma variação monossintomática do distúrbio obsessivo-compulsivo, bem como de um distúrbio dos impulsos.

Segundo Elliott (1994), o comprador compulsivo tem um distúrbio comparável aos dependentes das mesas de jogo ou de bebida. De acordo com estudos realizados nos Estados Unidos, 6% dos consumidores são compulsivos. O objetivo de Elliott é descobrir se existe um *continuum* no consumo que se inicie com a compra normal, passando para certa euforia e terminando no comportamento viciado. Acredita que a adição ao consumo seja o equivalente feminino do alcoolismo no homem; ao lado do aspecto disfuncional, o autor reconhece que o comprar preenche uma função psicológica importante para essas mulheres, como equilibrar sua autoestima ou eludir sentimentos negativos. Levanta a hipótese de que o fenômeno da adição ao consumo seja um aspecto inevitável da condição pós-moderna levando, provavelmente, a um aumento progressivo do número de pessoas afetadas por essa patologia (Elliott, 1994). Em outro trabalho, Elliott, Eccles e Gournay (1996) abordam o sentido existencial do consumo e descrevem a dimensão fenomenológica desse comportamento em várias mulheres.

Entre os autores que trabalham com teorias psicanalíticas, destacamos Krueger (1988). O autor apresenta quatro casos de compulsão a comprar e conclui que a estrutura psíquica subjacente a

todos é o narcisismo patológico. Para esse autor, o comprar compulsivo, frequentemente associado a bulimia e a exercitar-se incessantemente,<sup>7</sup> tem uma função defensiva em relação à sensação de vazio e à depressão. Apesar de os itens consumidos se relacionarem com a aparência pessoal, o autor verificou que a compra não tem, para as mulheres que sofrem dessa compulsão, a função de torná-las mais belas. O comprar é vivido como uma ponte para a sanidade, como o único meio de sentir-se real e viva por dentro, em lugar de morta ou vazia emocionalmente. O que move a compra é uma angústia desesperada, quase desintegradora, centrada na esperança de agarrar-se a algo tangível e real. Em síntese, o comprar compulsivo, da mesma maneira que a bulimia ou o exercitar-se incessantemente, representa uma tentativa de experienciar a realidade do corpo que não se constituiu como uma representação psíquica clara nem como uma tentativa de contornar a depressão e o vazio emocional.

Outros psicanalistas que trataram dessa questão apresentam concepções diferentes. Winestine (1985), por exemplo, interpreta o comprar compulsivo como um derivativo da sedução infantil. Lawrence (1990) entende-o como solução contra a angústia de castração da mulher. Richards (1996) se atém principalmente à importância da moda para o psiquismo feminino: “prazer, perversão ou parafilia?”. Considera a questão do fetichismo, da erotização do corpo e da atividade de comprar. Mediante alguns casos clínicos, essa autora interpreta o sentido do interesse feminino por roupas, ou mesmo sua negação, a partir da história emocional de cada paciente.

Esta breve revisão mostra que a compulsão a comprar é vista sucessivamente como uma patologia do impulso moldada pela

---

7 Um novo verbo, “malhar”, descreve esse comportamento (em inglês, *to workout*).

cultura, como uma síndrome que se superpõe a um distúrbio do humor, como um vício relacionado à condição pós-moderna cuja função é regular a autoestima das mulheres, como um comportamento que mostra uma dimensão existencial, como uma manifestação defensiva do narcisismo patológico visando eludir a angústia de desintegração, como um derivativo da sedução infantil e da angústia de castração, como um comportamento ligado a fetichização e erotização do corpo. Em que pese a maior ou menor consistência desses trabalhos, todos indicavam um caminho possível para compreender Bia. Qual o melhor? Qual escolher?

Diante disso, a primeira providência foi limitar a pesquisa da compulsão a comprar ao campo psicanalítico. Longe de vislumbrar o melhor caminho para trabalhar minha questão, vi surgir um novo problema. É que esses trabalhos não faziam qualquer menção àquilo que, em minha experiência clínica com Bia, se impunha como fundamental: *o universo sociocultural em que estão inseridos os pacientes que apresentam esse sintoma*. Os casos apresentados por esses autores haviam sido interpretados como se se tratassem de um sintoma qualquer da linhagem obsessivo-compulsiva; seus autores focalizavam a dinâmica psíquica e transferencial, as angústias e defesas do paciente. Este, entretanto, parecia ter sido isolado do mundo. A compreensão do sentido do sintoma era sempre referida, exclusivamente, à história emocional singular! Ora, é evidente que um sintoma dessa natureza não poderia existir em outra cultura que não a nossa.

Em suma, os psicanalistas que estudam a compulsão a comprar deixavam de lado a especificidade cultural do sintoma e não colocavam em questão a natureza da relação psique-mundo, justamente meu ponto de partida. O caminho por eles apontado era excessivamente redutor de uma realidade obviamente mais complexa.

Significava fechar-me novamente entre as quatro paredes de meu consultório e abandonar meu projeto de pesquisa.

Parti, então, em busca de outra rota, guiada pelo caso Bia. Dediquei-me a textos sobre subjetividade/crise de identidade contemporânea, sempre pelo crivo da relação psique-mundo. As leituras não seguiram necessariamente a ordem em que as exponho; ao contrário, já é produto de minha reflexão.

*A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio* (Lasch, 1983[1979]) é um livro citado em praticamente todos os trabalhos sobre subjetividade contemporânea. O argumento de Lasch é interessante: um novo padrão cultural – narcísico – é o resultado da desagregação da família nuclear tradicional. No lugar da resolução edipiana normal, como descrita por Freud, as crianças dessas famílias desestruturadas não chegam a completar seu desenvolvimento pré-genital. No lugar do superego edipiano, estrutura-se um superego primitivo, como descrito por Melanie Klein. Esse superego é fonte de angústias persecutórias que obrigam o sujeito a recorrer a defesas e comportamentos característicos do narcisismo. Em seu outro livro, *O mínimo eu* (1984), Lasch reitera a ideia de que o narcisismo contemporâneo é um retraimento defensivo diante de uma sociedade inóspita ao desenvolvimento de um *self* saudável. Em síntese, o autor afirma que “dentro = fora”, sendo “fora” a institucionalização do “dentro”, que o precede.

Freud, em *O mal-estar na civilização* (1974[1929]), diz o oposto: o superego rígido do neurótico é resultado da internalização do superego cultural: “dentro = fora”, mas “dentro” é consequência de “fora”, que é anterior.

Frosh (1991) apresenta uma tese semelhante à de Freud. Em *Identity crisis: modernity, psychoanalysis and the self*, sustenta que a crise social produz crise de identidade. Novamente, “dentro =

fora”. Não obstante, o autor oscila entre considerar a crise de identidade como uma reação defensiva (patológica) contra a crise social e considerá-la como produto direto, como reflexo especular da organização social contemporânea. É possível identificar uma diferença com relação aos textos anteriores: “dentro = fora”, porém sem o recurso à noção de defesa psíquica e, portanto, de patologia.

Esses exemplos ilustram que a relação psique-mundo – e, por conseguinte, Bia – poderia ser compreendida, ao menos em termos genéricos, por esses três caminhos. Entretanto, a fragilidade de alguns aspectos desses argumentos é notória. A afirmação de que a cultura é patológica e/ou patogênica é bastante problemática, já que implica considerar que somos todos doentes. Embora os três autores afirmem que “dentro” (sujeito) = “fora” (cultura), as divergências quanto ao que vem antes, se o ovo ou a galinha, indicavam, certamente, outra brecha a ser explorada.

Outros trabalhos foram lidos mantendo-se como crivo a questão-problema. Sempre havia algum argumento relevante para meu tema, muitas vezes em franca contradição uns com relação aos outros. Frequentemente, o argumento me parecia frágil, parcial, levando a impasses ou contradições. Outras vezes, simplesmente não havia como relacionar tais autores com o caso Bia, faltavam mediadores entre o geral e o particular. Por exemplo, como utilizar autores que tomam o sintoma individual como expressão de profundas contradições inerentes à estrutura social? Como relacionar os estudos sobre a sociedade de consumo com Bia?

O mais problemático, entretanto, não eram as brechas ou os problemas encontrados, que seriam trabalhados no momento oportuno, mas a falta de um método de leitura que permitisse organizar argumentos tão diversos, reconhecendo o valor de cada um. Assim, embora uma aproximação à questão-problema ainda estivesse distante, foi necessário interromper temporariamente as

leituras para trabalhar o novo problema que agora se impunha: *como organizar argumentos tão díspares de modo a poder utilizá-los*. Em suma, antes de mais nada, era necessário “aprender a ler”.

Tudo isso sem mencionar o óbvio, que preferi deixar para as leituras finais: o conceito de identificação como fulcro de articulação psique-mundo. Receava tomá-lo como ponto de partida de meu estudo e, com isso, retornar ao caminho descartado no início do percurso. Parecia-me que examinar esse conceito à luz de outras abordagens poderia reduzir esse risco.

Meu ponto de partida para “aprender a ler” era o fato, inegável, de que todas as maneiras de pensar, apesar de muito diferentes entre si, iluminavam algum aspecto da minha questão. Impõe-se uma nova questão-problema: *por que há tantos caminhos possíveis?* A resposta a essa questão foi absolutamente decisiva para o esboço da armação de minha tese.

Diante da diversidade de caminhos possíveis, era evidente que procurar articular num mesmo plano argumentos pertencentes a contextos teóricos diferentes, na expectativa de abarcar a totalidade do tema, não seria adequado: somar as partes não me levaria ao todo. À primeira vista, eu não tinha outra escolha a não ser optar por um único caminho, o que *melhor* atendesse à questão-problema, reconhecendo e aceitando seus limites. Na impossibilidade de decidir qual o melhor caminho, restava-me buscar outro tipo de solução.

A resolução desse problema passa pela “descoberta do óbvio”, para usar uma expressão de Guirado (1995). O óbvio descoberto nada mais é do que a postura de leitura. Basta considerar a abordagem teórica sob a qual o texto foi produzido e atentar para o limite de seu alcance. “Posso ouvir tudo o que o paciente diz em sessão sob o crivo do conceito de complexo de Édipo” ou, de maneira

mais demarcada, “posso ouvir o que um paciente me diz *enquanto* complexo de Édipo” (p. 16).

Compreendi, finalmente, que todos os textos que abordam a relação psique-mundo fundamentam-se sobre certos pressupostos teóricos, os quais conduzem seus autores a determinados modos de aproximação do problema e, necessariamente, a certo tipo de conclusão. Em suma, cada autor trabalha *dentro de um recorte teórico-metodológico*. E isso por duas boas razões. Primeiro, porque é impossível abarcar a totalidade de um tema. Segundo, porque é o recorte que delimita e configura – constitui – o objeto a ser estudado, bem como a maneira de estudá-lo. Ainda, ele legitima, mas também limita, o alcance de qualquer produção teórica. As afirmações terão validade dentro do recorte proposto, mas não fora dele.

Eis por que todos os textos me pareciam conter *alguma* verdade! Tratava-se, agora ficava claro, de uma verdade relativa ao recorte efetuado.

Ora, minha dificuldade anterior devia-se a dois fatores. Primeiro, a uma leitura um tanto ingênua dos textos. A ideia de que toda produção teórica supõe um recorte do campo a ser estudado não me era clara. E, segundo, essa ideia não parecia clara para muitos dos autores que simplesmente não explicitam ou, pior, frequentemente não respeitam o recorte teórico-metodológico dentro do qual se propuseram a trabalhar.

Esse *insight* modificou radicalmente minha postura diante da literatura, determinando uma nova estratégia de leitura. Passei a ler qualquer texto, consistente ou não, buscando o recorte teórico-metodológico dentro do qual foi produzido. Mais do que o conteúdo abordado, interessavam-me seus pressupostos implícitos e sua coerência interna:

- Com que pressupostos teóricos o autor trabalha? Que conceito de relação psique-mundo utiliza, tal que tenha chegado a esses resultados?
- Qual o recorte de mundo efetuado?
- Com que mediadores entre psique e mundo esse autor trabalha?
- A que viés metodológico se devem suas contradições internas?
- Dentro de seus próprios pressupostos, de que maneira o autor poderia ter conduzido seu estudo de modo a torná-lo mais consistente?
- A que se devem as limitações de seu argumento?
- Que conceito de patologia está implícito em sua maneira de abordar a relação psique-mundo?
- Quantas concepções de relação psique-mundo identifico na bibliografia?

Esta última questão organizou a releitura dos mesmos textos, passo inicial para a construção das versões. Mas não nos adiantemos.

A estratégia de leitura adotada é comparável à brincadeira de montar/desmontar objetos a partir de algumas peças básicas, por exemplo, o Lego. A criança encaixa as peças coloridas umas nas outras criando um objeto qualquer. Em seguida, desmonta o objeto, separando pedaços, retirando peça por peça, até que restem apenas as peças básicas. Às vezes, as peças foram encaixadas com tanta força que só podem ser separadas com o auxílio de uma cunha. Uma vez separadas as peças, a criança pode utilizá-las para construir um novo objeto.

Os textos lidos são comparáveis a objetos construídos com peças multicoloridas de Lego. Em cada texto, era possível identificar algumas peças úteis na construção de meu argumento. Entretanto, para obtê-las, era necessário desmontá-lo até identificar suas peças básicas. Em muitos casos, argumentos fortemente encaixados só podiam ser separados pelas perguntas-cunha que orientavam minha leitura. Em outros casos, os argumentos podiam ser facilmente “desmontados” (no sentido de separados).

“Desmontar” ou, mais precisamente, *desconstruir* um texto é a estratégia de pensamento que permite trazer à luz o recorte teórico-metodológico dentro do qual trabalha seu autor. Em outras palavras, a desconstrução ilumina e explicita os pressupostos teóricos que estão na base de sua construção. Seguindo nosso modelo, possibilita a separação e identificação das peças básicas do texto: o conceito de psique, o recorte de mundo efetuado, as mediações entre psique e mundo utilizadas e assim por diante.

Quanto à forma, as peças básicas de Lego podem ter um, dois, três, quatro, seis e oito pinos de encaixe, podem ser duplas ou simples. Mas elas também variam quanto à cor: podem ser, por exemplo, vermelhas, azuis ou amarelas, de modo que um objeto pode ser construído tanto com peças de várias cores como com uma cor apenas.

Assim, numa primeira etapa, a desconstrução de um texto envolve a identificação das peças básicas. Numa segunda etapa, pode ser necessário, caso se esteja diante de um texto “multicolorido”, proceder-se à sua separação e ordenação por cores. Estaremos, então, em condições de afirmar se o texto respeita ou não o recorte teórico-metodológico em que se propôs a trabalhar. Em caso afirmativo, veremos que a um conceito de psique “amarelo” corresponderá um recorte de mundo também “amarelo”, um mediador entre psique e mundo da mesma cor e um modo de conceber a

psicopatologia correspondente. Caso contrário, será fácil identificar o viés do autor.

Tomemos como exemplo a desconstrução de um texto: *Post-modernizing psychoanalysis/psychoanalysing post-modernity*, de Finlay (1989). A autora aborda várias questões interessantes. Sou obrigada a selecionar um pequeno trecho que, espero, não estará excessivamente fora do contexto. Finlay propõe a seguinte questão: se a psicanálise tradicional se baseia no estudo da interioridade do sujeito individual, não estaria condenada enquanto prática na pós-modernidade, uma vez que o sujeito pós-moderno está “descentrado, desintegrado e morto”? Diz ela:

*Os pós-estruturalistas franceses [na esteira de Foucault] sustentam que o sujeito está morto, que ele nada mais é do que a dispersão e fragmentação da linguagem . . . , não é mais o sujeito da linguagem, mas o produto fragmentado de discursos dispersos . . . O sujeito pós-moderno é frequentemente dito psicótico porque não há qualquer “centro” em torno do qual unir ou sintetizar as várias vozes que fala o cidadão pós-moderno. Por exemplo, quando num anúncio publicitário a sra. Smith diz “eu uso Tide porque lava mais branco”, ela, enquanto sujeito, foi transformada num meio para a expressão de outras vozes, no caso, da mídia. Talvez não seja mais Cristo que fale pela boca do psicótico delirante, mas o sabão Tide pela boca do consumidor “psicótico”. (Finlay, 1989, p. 46, tradução nossa)*

Em síntese, a autora afirma que tanto no sujeito psicótico quanto no sujeito pós-moderno não há mais um núcleo que responda pela denominação “sujeito”. Ambos são falados por vozes externas

a eles e, o que é pior, por uma pletora de vozes distintas. Cada discurso opera uma cisão sobre a unidade da pessoa que, no pós-modernismo, é considerada a soma dos discursos que a falam. Finlay equipara, a seguir, o descentramento do sujeito pós-moderno ao conceito de Klein de cisão e fragmentação do *self*.

*Essa dispersão no discurso é um fenômeno que deve ser comparável àquilo que Klein e os teóricos da relação de objeto chamam de cisão. Afinal, o que é a cisão senão descentramento? Na cisão não há um núcleo que permanece . . . há fragmentação e projeção em todas as direções. Se o sujeito se constitui na/pela simbolização, e, portanto, no/pelo discurso, e se, nesta cultura, uma massa dispersa de discursos circula e fala o sujeito, então pode-se afirmar que o discurso cinde e fragmenta o sujeito em tantas partes quantas são os discursos existentes. (Finlay, 1989, p. 47, tradução nossa)*

Este trecho é suficiente para demonstrar de que maneira as perguntas-cunha foram utilizadas para desconstruí-lo. Em primeiro lugar, há várias ideias interessantes que apontam para um caminho possível para compreender Bia e seu sintoma. A mais óbvia é o exemplo do consumidor de sabão que não é mais o sujeito de seu próprio discurso, como o psicótico. Bia estaria sendo falada pela publicidade que lhe ordena comprar grifes. De fato, tenho a vaga impressão de um “delírio de influência” na maneira pela qual Bia expressa, por exemplo, sua necessidade de um carro importado. Entretanto, faltam mediações que permitam compreender como o discurso da mídia se transforma no discurso de Bia. De qualquer modo, reservo a ideia para futura exploração.

A desconstrução se inicia com uma pergunta-cunha: quando a autora fala em morte do sujeito, ponto de partida de toda sua argumentação, *de que sujeito está falando?* Afinal, quando estou diante de Bia, há um sujeito que fala e vive; mesmo um sujeito psicótico é um sujeito. A pergunta-cunha faz saltar à vista as peças com que a autora construiu seu texto. Finlay utiliza, parece que sem reconhecê-lo, peças de Lego de cores diferentes num mesmo argumento. Ela confunde e superpõe indevidamente o sujeito sociolinguístico de Foucault com o sujeito psíquico kleiniano (Guirado, 1995). Seu viés teórico-metodológico consiste em aproximar dois sujeitos: um sujeito psíquico kleiniano, que pressupõe um *indivíduo* com fantasias, angústias e defesas, e um sujeito sociolinguístico, que pressupõe a *inexistência do indivíduo* enquanto sujeito da fala.

Nova pergunta-cunha: por que razão ela não distingue esses dois sujeitos? Em minha opinião, Finlay não sente necessidade de especificar de que sujeito se trata, na medida em que não se reconhece trabalhando com dois recortes teórico-metodológicos distintos. Ela não se dá conta de que cada sujeito está fundamentado em pressupostos teóricos mutuamente exclusivos e, por isso, não vê incompatibilidade em seu procedimento, colocando num mesmo plano a fragmentação do *self* de Klein e a fragmentação dos discursos na pós-modernidade. A autora parece ter caído numa armadilha linguística, tendo sido enredada por um efeito de palavra propiciado pelo termo “fragmentação”.

Sintetizando: primeiro Finlay equipara dois sujeitos distintos; em seguida, toma a fragmentação de um no mesmo plano da fragmentação do outro; por fim, estabelece uma relação de causa e efeito entre ambos, radicalizando sua proposição anterior: “Se o sujeito se constitui nos/pelos discursos . . . e se há uma multiplicidade de discursos . . . então estes discursos cindem e fragmentam o sujeito”.

Desconstruindo esta última conclusão, novas proposições vêm à luz: (a) uma teoria sobre a relação psique-mundo em que o mediador entre os termos é o discurso; (b) o argumento de que a cultura é patogênica porque propicia a fragmentação do sujeito, conduzindo-o à “psicose”. Mantenho as aspas em respeito à ressalva feita pela autora de que tudo isso se situa no plano da analogia. De qualquer modo, parece-me que a autora sofre as consequências do viés teórico-metodológico em que incorreu desde o início: ou bem sua conclusão contradiz esta ressalva, ou bem cabe perguntar de que serve uma analogia que a conduz a um diagnóstico entre aspas.

O mais importante a respeito dessa estratégia de leitura é seu passo final. Longe de inutilizarem o texto de Finlay, as brechas resultantes da desconstrução apontam para algumas vias de investigação bastante produtivas. A teoria segundo a qual a relação psique-mundo é mediada pelo discurso mostra-se uma alternativa interessante à teoria kleiniana, que me parecia ser, em virtude de minha formação psicanalítica, a que melhor abarcava o sintoma de Bia. Abre-se, sem dúvida, uma via para pensar nos efeitos do discurso publicitário sobre todos nós, uma vez que o fascínio pelas grifes é um fenômeno coletivo. Em outras palavras, é possível tomar Bia como sujeito psíquico kleiniano ou como sujeito sociolinguístico. Ao vislumbrar esses dois caminhos, pode-se optar por um deles, circunscrevendo esse estudo a um único recorte teórico-metodológico. Ou pode-se optar por não reduzir e simplificar excessivamente o âmbito desta tese. Nesse caso, será necessário buscar uma maneira de articulá-los sem, contudo, incorrer no mesmo viés da autora, patologizando os efeitos da multiplicidade de discursos. Procedi dessa maneira com vários textos, até que sua desconstrução tivesse delineado quatro recortes teórico-metodológicos distintos, que deram origem às quatro versões.

Esse exemplo demonstra concretamente a que ponto as estratégias de pensamento adotadas – desconstrução e interpretação – estão na base de todo o meu trabalho posterior, da pesquisa propriamente dita. O processo de leitura e desconstrução de textos, silencioso e invisível para o leitor, foi fundamental; as próprias versões, construídas numa segunda etapa, já estão aí presentes de forma embrionária.

Sintetizando, essa primeira fase durante a qual aprendi a ler se pautou:

- por uma leitura inicial, ingênua, da literatura;
- pela identificação de um primeiro problema com relação ao procedimento a ser adotado para selecionar a bibliografia;
- pela solução desse problema mediante a adoção de uma estratégia de leitura que visa identificar os pressupostos teórico-metodológicos implícitos do texto – a desconstrução;
- pela formulação de perguntas-cunha para separar os elementos primários do texto (conceito de psique, mundo e mediadores);
- por sua separação por “cores”, identificando quantos e quais eram os níveis de argumentação que chegavam a configurar recortes teórico-metodológicos claros.

### **Construindo versões**

Ao fim da primeira etapa, quando as peças de Lego estavam todas separadas umas das outras e em grupos da mesma cor, tornou-se evidente que a opção por um único caminho, mesmo que fosse “o melhor”, seria necessariamente redutora. Simplificaria excessivamente o problema, sacrificando o alcance possível desta tese.

A própria tentativa de decidir qual o “melhor caminho” era problemática, uma vez que cada abordagem iluminava um aspecto diferente, mas igualmente relevante, da relação psique-mundo. A opção por um único caminho seria sempre arbitrária, isto é, não haveria uma justificativa metodológica convincente.

Concluí, então, que a melhor maneira de perseguir meu objetivo – “fazer trabalhar a questão-problema” – seria abordar o tema da relação psique-mundo por meio de versões. Ao abandonar a busca pelo “melhor caminho” para compreender o sintoma de Bia, renuncio à pretensão de apreender o objeto em si. Comprometo-me definitivamente com a postura pós-moderna e adoto as estratégias de pensamento coerentes com tal postura: as versões são, afinal, a única aproximação possível do objeto.

As quatro versões foram praticamente desentranhadas da literatura pelas perguntas-cunha. Não me refiro, evidentemente, à sua concepção formal, como aparecem no corpo do trabalho, mas, sim, à identificação dos recortes teórico-metodológicos dentro dos quais a questão-problema poderá ser trabalhada.

No contexto deste trabalho, construir versões significa, pois, *identificar, organizar, sistematizar, configurar e delimitar recortes teórico-metodológicos e instrumentá-los, produzindo diferentes interpretações do caso Bia. Significa mostrar seu alcance e seus limites, relacionando-os com os pressupostos teóricos.*

É importante ressaltar que, ao construir as versões, a desconstrução dos textos já se deu enquanto estratégia de leitura, tanto no sentido de identificar um autor/texto paradigmático de alguma versão, quanto no sentido de “encaixar” o autor X na versão Y. Exemplificando.

Retomemos o texto de Finlay (1989). Sua desconstrução mostrou que a autora trabalhou simultaneamente, e sem reconhecer,

nos recortes teórico-metodológicos correspondentes às futuras versões I e III. Nessas condições, o texto não pode ser tomado como exemplar de uma versão nem pode figurar explicitamente em qualquer uma delas. Entretanto, como esperamos ter deixado claro, além de ter sido fundamental na concepção geral dessa pesquisa, o texto exemplifica o procedimento de exclusão de trabalhos, fundamental no processo de construir as versões.

Ainda outro exemplo. Frosh, em *Identity crisis: modernity, psychoanalysis and the self* (1991), traça relações entre a modernidade, a pós-modernidade e o *self* contemporâneo, o que poderia nos levar a encaixá-lo na quarta versão, que faz referência à pós-modernidade. Entretanto, sua desconstrução revela que o autor trabalha sistemática e coerentemente com uma concepção de relação psique-mundo, que foi por nós tomada como paradigma da segunda versão. Assim, o leitor não encontrará a desconstrução desse texto na segunda versão: ele está na segunda versão porque foi desconstruído.

Da mesma maneira, os argumentos de Baudrillard em *A sociedade de consumo* (1991[1970]) não serão desconstruídos na terceira versão. Esse autor aí figura porque seu estudo da sociedade de consumo mostra-se, após a leitura desconstrutiva, compatível com os pressupostos desta versão.

Do ponto de vista formal, optamos por adotar a mesma arquitetura básica para todas as versões: o conceito de psique, as mediações entre psique e mundo utilizadas, um recorte de mundo e uma interpretação do caso Bia. O intuito é tornar imediatamente visível o que as diferencia entre si.

Cabe aqui uma advertência. O leitor poderia imaginar que estamos propondo quatro versões teóricas, por exemplo, freudiana, kleiniana, winnicottiana ou kohutiana. Não é o caso. As versões anteriormente exemplificadas corresponderiam a diferentes recortes

do psíquico, enquanto nossas versões partem de diferentes recortes da relação psique-mundo.

Em outras palavras, nossas versões se sustentam sobre concepções de psique que pertencem a níveis epistemológicos diferentes, que se articulam a recortes de mundo heterogêneos entre si e que requerem mediadores de ordens diversas.

- A primeira versão considera a espessura emocional do mundo como projeção do psíquico, num recorte que privilegia a vertente *clínica* da psicanálise.
- A segunda versão articula *psicanálise e sociologia*, focalizando a subjetividade na cultura do narcisismo.
- A terceira versão considera a sociedade de consumo enquanto *sistema simbólico* determinante da subjetividade.
- A quarta versão considera o inconsciente de uma época: a *crise da representação* na pós-modernidade e seus efeitos sobre a forma de ser das instituições e dos indivíduos.

### Interpretando o caso Bia<sup>8</sup>

A questão-problema formulada a partir de um caso clínico concreto, eixo condutor e produtor de minha tese, serviu-nos, inicialmente, de guia de leitura; em seguida, como baliza para as formulações teóricas; será, agora, referência central para as interpretações do caso Bia. No contexto desta tese, interpretar o caso Bia significa

---

8 Trata-se, evidentemente, de um recorte do caso clínico, já que estamos interessados especificamente na compulsão a comprar roupas de grife. Nem é preciso dizer que as interpretações que propomos não se confundem com as interpretações que fazem parte do diálogo em uma sessão de análise.

*instrumentar o recorte teórico-metodológico que configura cada versão em torno da questão-problema.*

O leitor não encontrará propriamente um estudo de caso porque as quatro interpretações não se somam. Não intencionamos aprofundar, de uma versão para outra, a compreensão do caso. É que elas se dão dentro de recortes teórico-metodológicos diferentes e são, neste sentido, *incomensuráveis*.<sup>9</sup>

Também não pretendemos aplicar a teoria de maneira direta e tautológica sobre o caso, reencontrando-a intacta ao final da interpretação. Ao contrário, as interpretações podem validá-la ou colocá-la em crise, caso não dê conta da questão-problema. Esse movimento indica o uso da teoria enquanto balizamento para as interpretações.

Por fim, o caso não ilustrará uma teoria tida por verdadeira. Ao contrário, as várias interpretações possíveis demonstrarão concretamente a relatividade das teorias. Ao fim e ao cabo, a própria ideia de caso clínico enquanto objeto empírico torna-se problemática, obrigando-nos a relativizar, sem o negar, o fato psicopatológico.

Cada interpretação do caso clínico responde à questão-problema dentro do recorte teórico-metodológico em que foi produzida. Nesse sentido, ela é, sem dúvida, um ponto de chegada. Trata-se, contudo, de um ponto de chegada sempre provisório, já que é imediatamente transformado no ponto de partida da versão seguinte. Por exemplo, a primeira interpretação respeita os limites do recorte teórico-metodológico utilizado por clínico de orientação kleiniana. Esses limites, quando cotejados com a questão-problema, colocam a exigência de um novo recorte, de modo a ampliar o alcance da interpretação seguinte e assim sucessivamente.

---

<sup>9</sup> Expressão de Kuhn, em seu clássico *A estrutura das revoluções científicas* (1996).

Trabalhar uma questão pode ser uma tarefa para toda a vida (Rosenau, 1992, p. 119). Evidentemente, não temos a intenção de produzir infinitas interpretações sobre o caso Bia. Ao fim da terceira versão, quando a questão-problema pareceu receber uma resposta satisfatória, poderíamos ter encerrado a pesquisa da tese. Entretanto, a multiplicação de cenários é inevitável. Abrem-se, continuamente, novas possibilidades de trabalhar a questão. Dessa perspectiva, propor uma quarta versão não trai o objetivo da pesquisa. Ao contrário, há de justificar a existência de apenas quatro versões. A resposta é simples: as concepções de psique identificadas na bibliografia com base na estratégia de leitura adotada foram apenas estas.

### **Elaborando a matriz de desconstrução**

Após a construção minuciosa das quatro versões, um distanciamento permite uma apreciação sincrônica do conjunto. A própria arquitetura das versões facilita sua transposição para uma matriz que sintetiza nosso percurso, da primeira à quarta versão.

Sua elaboração é simples. No eixo horizontal, as quatro versões; no eixo vertical, as categorias básicas que as constituem (psique, mundo, relação psique-mundo, o sintoma de Bia e o conceito de psicopatologia em psicanálise). Acompanhando o destino de cada uma dessas categorias de uma versão para outra, o que se percebe é um deslizamento contínuo de seu sentido inicial, com novos matizes, e progressivamente mais complexas.

Essa matriz representa, a nosso ver, o aporte mais significativo da tese. Assim como certos desenhos descentram o olhar do observador, que pode se deter alternadamente na figura ou no fundo, evidenciando até que ponto o olhar constitui o objeto percebido, a matriz desloca nosso olhar do caso Bia para o próprio psicanalista.

Não para seu funcionamento mental enquanto caixa de ressonância da transferência, mas para as várias maneiras de olhar para Bia que decorrem do ponto de vista teórico adotado. Com isso, denuncia a relação entre o psicanalista, seu saber, a instituição e a clínica.

Por que matriz de *desconstrução*? É que, ao visar uma questão clínica concreta, a estratégia de pensamento adotada – a desconstrução – acaba por demonstrar a equivocidade do olhar teórico do psicanalista. Pelo próprio fato de desconstruir continuamente as categorias teóricas que informam o saber do psicanalista, a matriz problematiza seu olhar, abalando suas certezas e relativizando suas verdades, com repercussões sobre a clínica.

## Referências

- Baudrillard, J. (1991). *A sociedade de consumo* (A. Morão, trad.). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1970.)
- Christenson, G. A., Faber R. J., de Zwaan M., Raymond N. C., Specker S. M., Ekern M. D., Mackenzie T. B., Crosby R. D., Crow S. J., Eckert E. D., et al. (1994). Compulsive buying: descriptive characteristics and psychiatric comorbidity. *The Journal of Clinical Psychiatry*, 55(1), 5-11.
- Del Porto, J. A. (1996a). Aspectos transculturais do transtorno obsessivo-compulsivo. In E. C. Miguel (Ed.). *Transtornos do espectro obsessivo-compulsivo: diagnóstico e tratamento* (pp. 17-28). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- Del Porto, J. A. (1996b). Compulsões e impulsos: cleptomania, jogar compulsivo, comprar compulsivo, compulsões sexuais. In E. C. Miguel (Ed.). *Transtornos do espectro obsessivo-compulsivo: diagnóstico e tratamento* (pp. 109-116.). Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.

- Elliott, R. (1994). Addictive consumption: function and fragmentation in postmodernity. *The Journal of Consumer Policy*, 17(2), 159-179.
- Elliott, R., Eccles, S., & Gournay, K. (1996). *Revenge, existential choice and addictive consumption* (comunicação pessoal por e-mail).
- Finlay, M. (1989). Post-modernizing psychoanalysis/psychoanalyzing post-modernity. *Free Associations*, 16, 43-80.
- Freud, S. (1974). *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1929.)
- Frosh, S. (1991). *Identity crisis: modernity psychoanalysis and the self*. New York: Rutledge.
- Guirado, M. (1995). *Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*. São Paulo: Summus Editorial.
- Krueger, D. W. (1988). On compulsive shopping and spending: a psychodynamic inquiry. *The American Journal Psychotherapy*, 42(4), 574-584.
- Kuhn, T. S. (1996). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio* (E. Pavaneli, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1979.)
- Lasch, C. (1984). *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense.
- Lawrence, L. (1990). The psychodynamics of the compulsive female shopper. *The American Journal Psychoanalysis*, 50(1), 67-70.

- Richards, A. K. (1996). Ladies of fashion: pleasure, perversion or paraphilia. *The International Journal of Psychoanalysis*, 77, 337-351.
- Rosenau, P. M. (1992). *Post-modernism and the social sciences*. Princeton: Princeton University Press.
- Winestine, M. C. (1985). Compulsive shopping as a derivative of a childhood seduction. *Psychoanalytic Quarterly*, 54(1), 70-72.



## *Marion Minerbo*

Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e doutora pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). É autora dos livros *Diálogos sobre a clínica psicanalítica* (Blucher, 2016), *Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica* (Blucher, 2019) e *Neurose e não neurose* (Blucher, 2019) e de dezenas de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Em 2015, recebeu o prêmio Durval Marcondes no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise.

*série*

*Escrita Psicanalítica*



*Coord. Marina Massi*

PSICANÁLISE

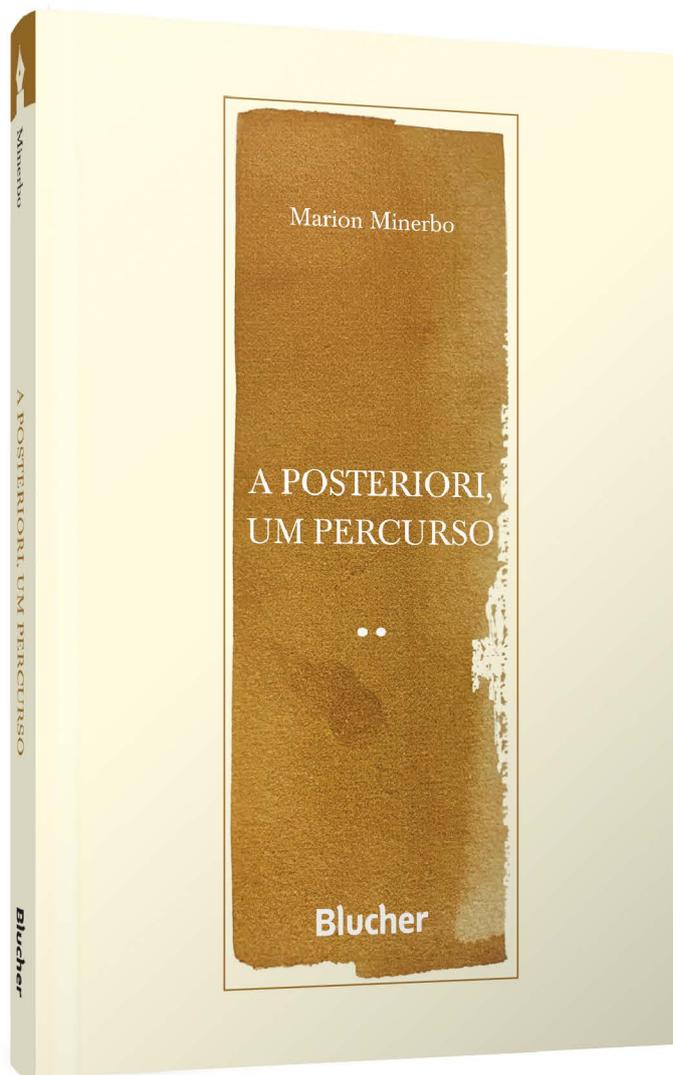
ISBN 978-65-5506-021-8



9 786555 060218

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

**VEJA NA LOJA**

## **A Posteriori, um Percurso**

---

**Marion Minerbo**

ISBN: 9786555060218

Páginas: 320

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2020

Peso: 0.338 kg

---